

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Zeno Hora Class.: 14
 Data 6 de fevereiro de 1984 Pg.: _____

ARQUEOLOGIA

Índios viveram em Vacaria e Esmeralda há mais de mil anos

Cinco equipes de arqueólogos estão pesquisando as margens do rio Pelotas

Uma galeria subterrânea, usada como habitação pelos indígenas há milhares de anos, foi descoberta no município de Esmeralda, quase em Santa Catarina. A maior e a mais antiga aldeia indígena de casas subterrâneas do Sul do Brasil foi encontrada em Vacaria e outra aldeia, do mesmo tipo, mas com menor número de habitações, também foi localizada em Pinhal da Serra, distrito de Esmeralda.

Esses são os primeiros resultados de uma pesquisa arqueológica que está investigando o passado pré-histórico — antes da chegada da colonização portuguesa — da região próxima aos rios Pelotas e Uruguai. Cinco equipes de arqueólogos vasculham a área a ser invadida pelas águas das barragens que a Eletrosul irá construir junto a esses rios, levantando dados que vão interessar os estudos preliminares topográficos e do patrimônio histórico das bacias do Pelotas e do Uruguai.

Desde Minas Gerais até o Rio Grande do Sul, as casas subterrâneas são um traço cultural característico destas populações indígenas que habitaram o planalto brasileiro há milhares de anos. Mas, pela primeira vez foi encontrado um agrupamento de 25 casas subterrâneas, formando a maior e a mais antiga aldeia indígena deste tipo que se conhece no Sul do Brasil. A descoberta é da equipe coordenada pelo professor de História da UFRGS e da PUC, Arno Alvarez Kern, que até o final da semana passada se encontrava pesquisando no município de Vacaria. A maior e a mais antiga aldeia de habitações subterrâneas se localiza na propriedade de Rui Minella, a 43 quilômetros de Vacaria, na confluência dos rios Santana e Pelotas, na fronteira com Santa Catarina.

Os 25 buracos escavados no solo são os vestígios de uma aldeia indígena que surgiu há mais de 1.000 anos naquela localidade, considerado estratégico pelo professor Arno Kern. Ele chegou a essa conclusão depois de ter aberto o que eles chamam de "poco-teste", um dos maiores "buracos de bugres" da suposta aldeia que existiu na atual propriedade de Rui Minella. Escavando o buraco que serviu de casa, a equipe — composta pelo agrônomo Giovanni Gregol, da Agapan, o geólogo Fernando Seffner e o aluno do Mestrado de Antropologia da UFRGS, José Otávio de Souza, além de Arno Kern — encontrou vestígios que mostram ter havido uma ocupação contínua durante esses 1.000 anos.

Escavadas pelas tribos indígenas pré-históricas, essas casas subterrâneas — com aproximadamente um metro a um metro e meio de profundidade e de dois a 10 metros de diâmetro — foram ocupadas pelos índios que se seguiram. No Rio Grande do Sul, a casa subterrânea mais antiga foi encontrada em Tainhas, interior de São Francisco de Paula, e tem mais de 1.400

190

Por IVONE CASSOL
 Editora Local/ZH

Aldeias indígenas pré-históricas, que teriam surgido há mais de 1.000 anos, com galerias e casas subterrâneas, são as primeiras descobertas das cinco equipes de arqueólogos que vasculham as margens do Rio Pelotas, tanto do lado gaúcho como catarinense, fazendo levantamento do patrimônio arqueológico da região. No interior do município de Vacaria, a equipe do professor Arno Alvarez Kern, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), encontrou a maior e a mais antiga aldeia indígena do Sul do Brasil, com 25 casas subterrâneas. Em Esmeralda, a equipe coordenada pelo professor Pedro Mentz Ribeiro, de Santa Cruz do Sul, descobriu não somente uma aldeia — com 22 habitações subterrâneas — como também galerias encravadas no solo.

Essas são as descobertas mais importantes, até agora, das pesquisas arqueológicas que começaram em janeiro e deverão continuar neste e no próximo ano, investigando todo o vale dos rios Pelotas e Uruguai que vai ser, no futuro, encoberto pelas águas das barragens a serem construídas pela Ele-

trosul na região. Embora as equipes tenham se lançado ao campo para fazerem um primeiro levantamento, chamado de prospecção, localizando os pontos habitados por indígenas naquela região, já foi possível fazer importantes descobertas, mesmo sem uma investigação mais detalhada.

A inexistência de trabalhos anteriores sobre a arqueologia da região não dificultou muito a localização dos sítios arqueológicos, já que os pesquisadores tinham várias outras indicações baseadas na experiência em atividades de campo, no relato de moradores e no conhecimento transmitido pela literatura.

Assim, as equipes foram checando as informações em torno dos chamados "buracos de bugres", dos "forjes" e dos lugares onde tinham sido encontrados materiais como restos de cerâmica indígena, pedra polida e lascada, possíveis instrumentos de uso das tribos pré-históricas que habitaram aquela área.

1.000 Anos Atrás

É provável que tribos indígenas que, muitos anos depois deram origem aos Caingangues, tenham habitado a região

do Vale do Rio Pelotas há 1.000 anos. Já nessa época, essas tribos faziam habitações subterrâneas para se abrigarem melhor do frio. As chamadas casas subterrâneas são para os habitantes da região "buracos de bugres" sem importância, que atrapalham a movimentação do gado pelos campos. A chegada das equipes de pesquisadores interessados em "buracos de bugres" e nos "forjes" — as galerias subterrâneas — deixou desconfortadas agricultores, tropeiros e peões que moram naquelas terras próximas à divisa com Santa Catarina.

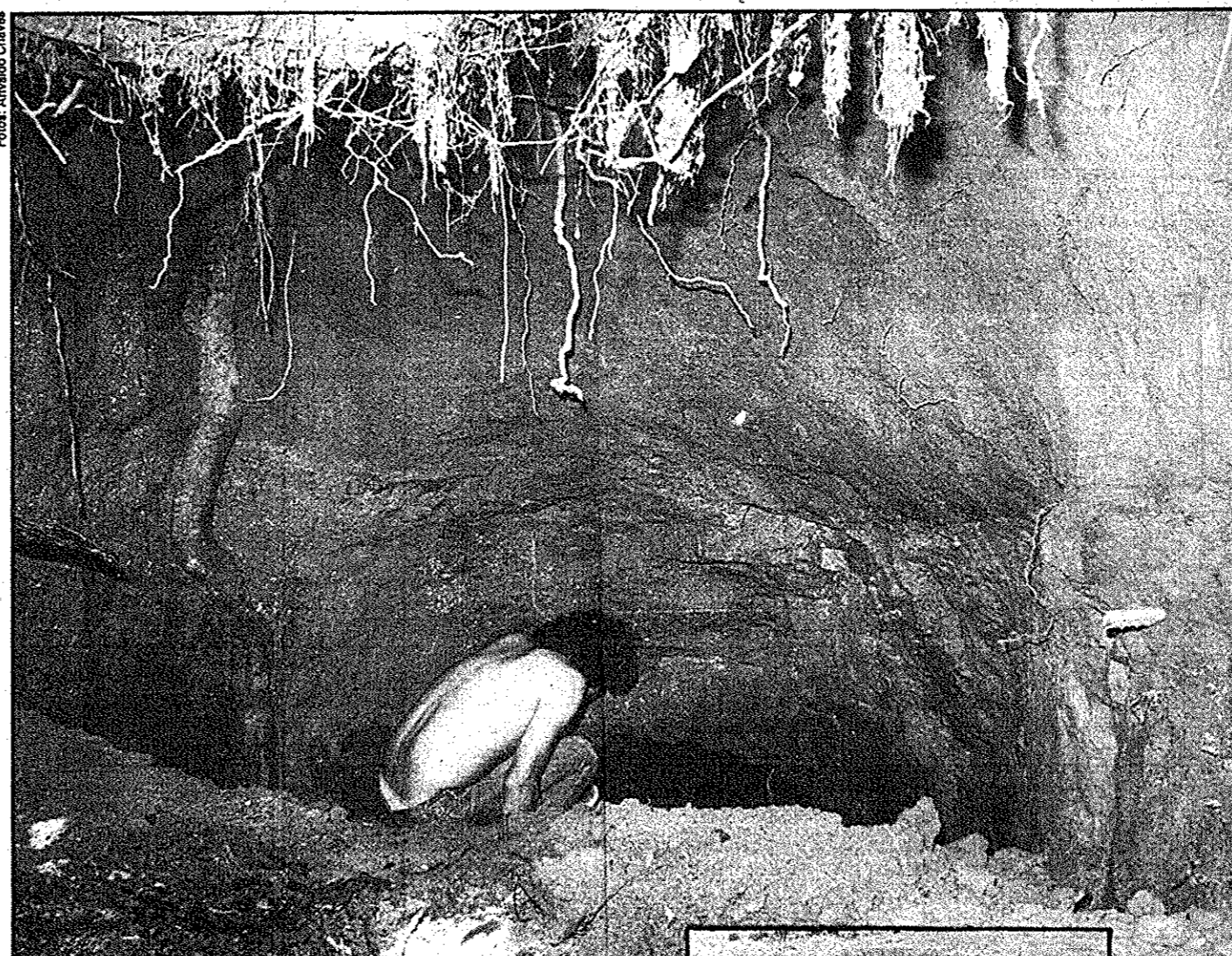
Algumas semanas de trabalho foram necessárias para os pesquisadores convencerem a população de que não estavam em busca de ouro, mas sim tentando reconstruir o patrimônio histórico e artístico da região na fase anterior à chegada dos portugueses e do gado sobre aqueles campos. Enquanto a população local não vê nada demais nos buracos, os pesquisadores fazem diversas interpretações entusiasmados com as descobertas. E eles não têm dúvidas: os buracos, todos de forma cilíndrica, eram casas subterrâneas que começaram a ser habitadas há 1.000 anos e continuaram sendo ocupadas até 100 anos atrás, quando pelos relatos dos agricultores, foram exterminados muitos índios naquelas terras.

bém mostra as vantagens que os índios tinham em escolher aquele local que, visualizado no mapa, é um triângulo formado pelos rios Santana e Pelotas. Saliendo de todo o material lá recolhido — como amostras de terra, de pedras lascadas (entre essas um machado e uma pedra) e polidas (uma mão de pilão quebrada) — deverá ser ainda criteriosamente analisado em laboratório, o professor chama a atenção para algumas observações que já podem ser feitas.

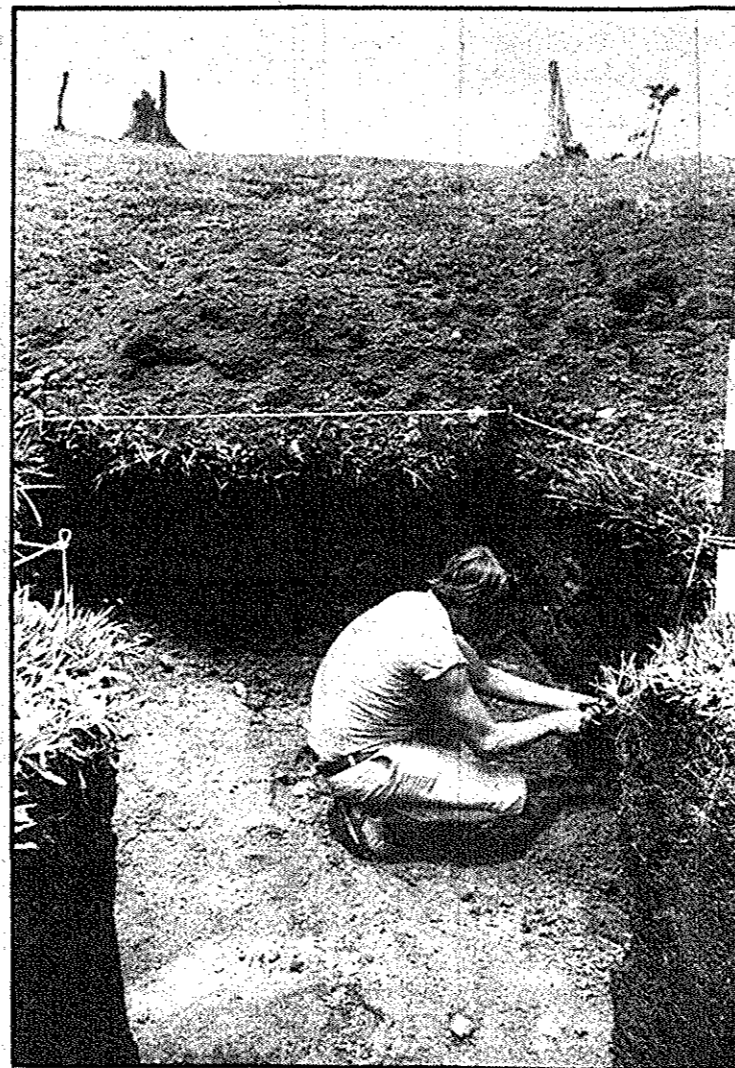
Escolha inteligente

Os índios sempre se localizavam em pontos próximos aos rios, onde tivessem comida fácil. Conhecedor das preferências indígenas, Arno Kern se surpreende ao decifrar outros aspectos que certamente contribuíram muito para que aquelas tribos escolhessem esses locais. A área onde foi encontrada a aldeia de 25 casas subterrâneas é onde os nichos ecológicos, do campo e da mata de araucária, se tocam, podendo conseguir alimentos, os mais diversos e abundantes. As casas foram escavadas em solo argiloso, de zonas altas, onde a umidade se mantém num índice constante e as enxurradas pouco atingem.

Além dos aspectos de alimentação e habitação, a tribo indígena que lá se localizou e as que se seguiram também deve ter levado em consideração a questão de segurança. Por isso, o professor, que fez doutorado em Arqueologia na França, considera a área um local de defesa estratégica. "Os rios Santana e Pelotas se unem formando uma ponta e os dois lados de um triângulo. É sabido que um rio é um obstáculo a mais para o inimigo atravessar, restando para os índios defender apenas um dos lados do triângulo, onde o acesso por terra é possível ao local", mostrou o professor indicando a área no mapa.



A mais nova descoberta dos arqueólogos, que pesquisam as margens do rio Pelotas é esta galeria subterrânea, que foi habitada pelos índios, em Nossa Senhora Aparecida, distrito de Esmeralda



Casa subterrânea, que está sendo pesquisada pelo professor Arno Kern, em Vacaria



Neste local, em Pinhal da Serra, foi descoberta uma aldeia de 22 casas subterrâneas

A mais nova descoberta: uma galeria sob o solo

Enquanto a aldeia de 25 casas é motivo de euforia para a equipe que pesquisa em Vacaria, a 100 quilômetros desta cidade, outro grupo de arqueólogos se delicia com a descoberta de uma galeria subterrânea, além de uma aldeia de 22 habitações no mesmo estilo do que encontraram os primeiros pesquisadores. Em Pinhal da Serra, distrito de Esmeralda que faz divisa com Santa Catarina, foi encontrada a aldeia de 22 casas subterrâneas e, na localidade de Nossa Senhora Aparecida, uma galeria subterrânea que foi ocupada por tribos indígenas passa a ser estudada a partir da descoberta, na semana passada.

A galeria — que os moradores locais chamam de "forjes" — parece uma caverna que vai dar a algum lugar desconhecido, não se sabe quantos metros solo adentro no sentido horizontal. Pedro Mentz Ribeiro, que chefiava a equipe da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Cruz do Sul — integrada também por sua mulher, a assistente de pesquisa Catharina Torrono Ribeiro, de Rio Grande, o casal de estudantes Sérgio e Lisete Klamt e os irmãos Natalino e Vilson Nunes da Silva — acredita que a galeria surgiu naturalmente e foi aperfeiçoada pelos indígenas que a utilizaram como habitação.

Depois de fazer uma pausa por alguns dias, a equipe do Centro de Ensino e Pesquisa Arqueológica (Cepa) de Santa Cruz deve retornar ao trabalho, investigando melhor o interior da galeria, a partir do dia 12 de fevereiro. Essa galeria não é a única do tipo descoberta no Estado, nem deve ser a última, salientou o professor Ribeiro, já que os trabalhos das cinco equipes que percorreram os vales dos rios Pelotas e Uruguai está apenas começando. Já foram localizadas galerias que tiveram ocupação indígena nos municípios de Casca, São Francisco de Paula e Bom Jesus, mais agora a de Esmeralda. Em março, quando encerram os trabalhos de campo, ou em setembro, mês em que vai ser realizado o 3º Encontro de Arqueólogos do Rio Grande do Sul, os resultados das pesquisas das cinco equipes, financiadas pela Eletrosul, poderão ser amplamente conhecidos.

Enquanto o padre João Alfredo Rohr — que pesquisou sítios arqueológicos